

O que se espera de "Tosca" hoje

ÊNIO SQUEFF

Da ópera "Tosca" quase todos conhecem "È Lucevan le stelle", espécie de cavalo de força tanto dos tenores famosos como dos medíocres, "Tosca" será apresentada hoje, amanhã e na próxima semana em São Paulo no Teatro Municipal. Pode-se adivinhar que fará sucesso exatamente por essa ária conhecida. Puccini foi um melodista infalível. Sabia como captar as boas graças do público naquilo que ele desejava e que talvez respondesse a um gosto da época.

Conheço vanguardistas que, na década de 60, nunca se dignaram a escutar um único trecho de ópera. Quando muito, concediam que Verdi e Wagner tiveram importância na história da música. Esqueciam que Mozart sem suas óperas é menos Mozart e que Wagner só assume sua real importância se encenado. Eu mesmo cheguei a me defender da ópera em nome de um realismo que julguei faltar no gênero. Recuperei-me a tempo para me curvar diante de Verdi, cujo melodismo foi decisivo para compositores aparentemente tão infensos aos italianos como Mahler, Nepomuceno e Villa-Lobos — só para citar alguns. Ouvi dos mesmos vanguardistas que se recusavam antes até mesmo em discutir ópera — e principalmente a italiana, já que Schoenberg parece não ter se preocupado muito com o assunto — que Puccini teria sido maior que Verdi. Não me parece correto.

Ao descobrirem a pólvora — de que Puccini não merecia qualquer desprezo apriorístico — caíram no lado oposto. Puccini passou a ser o maior, acima de Verdi.

Sem dúvida, o assunto

comporta maiores explicações. Quem escuta "Tosca" e a compara a "Traviata" tem razões para encontrar em Puccini recursos e soluções que se revelam extremamente mais complexos em certas óperas do outro. Sob o ponto de vista harmônico e rítmico, para levantar dois critérios, Puccini foi mais "moderno." Não poderia ser de outra forma: Puccini estreou sua "Tosca" em 1900; Verdi compôs sua "Traviata" em 1853. Existem diferenças no tempo e no espaço que, aliás, não eximem Puccini de não ter ido adiante, muito antes pelo contrário; mas, se no fim das contas Verdi é menos complexo, consegue também ser bem mais coerente no desenvolvimento dramático de sua música.

Neste sentido, talvez se devesse discutir exatamente este algo mais, que sobrevém à emoção musical. Poderia se questionar fenomenologicamente o que esta emoção induz: a música não é conceitual — mas está impregnada de conceitos do mundo. Quem sabe seja esta "expressão de mundo", o fulcro da genialidade de Verdi. Pode ser.

A argentina Mabel Valeris fará "Tosca" hoje e nos dias 26 e 29, enquanto a coreana Isabel Gentile a interpretará amanhã e nos dias 27 e 30 e a brasileira Norma Cresto, segunda-feira e dia 28; o italiano Gabriele Floresta fará o "Barão Scarpia" hoje e nos dias 26, 29 e 30, e seu compatriota Maurizio Frusoni terá o papel de "Mário Cavardossi" nas récitas de hoje e dos dias 26 e 29. Nos espetáculos dos dias 25 e 28, aliás, o elenco será inteiramente nacional, com o jovem tenor Antônio Lotti fazendo "Mário Cavardossi". A direção é de Glauco Mirko Laurelli.